

GABRIELA MARTIN¹

IRMA ASÓN²

Na região semi-árida do Nordeste brasileiro onde a natureza é particularmente hostil à ocupação humana, desenvolveu-se uma arte rupestre pré-histórica das mais ricas e expressivas do mundo, demonstrando a capacidade de adaptação ao meio dos grupos humanos que povoaram a região desde o pleistoceno final.

Atualmente, podemos afirmar que, no Nordeste do Brasil, as representações rupestres pintadas e gravadas em abrigos e paredes rochosas situadas perto de cursos d'água, correspondem a vários horizontes culturais. No Brasil, denomina-se, geralmente, *tradições* a esses horizontes, considerando-se a *tradição* como a unidade maior de análise entre as divisões estabelecidas para a arte rupestre. Esse conceito define a representação visual de um universo simbólico que pode haver-se transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as representações de uma tradição pertençam sempre aos mesmos grupos étnicos. Considera-se também, na *tradição*, a possibilidade de grandes períodos de tempo assim como de dispersão espacial que determinam divisões posteriores denominadas *subtrações*. A composição que determina uma tradição estabelece-se a partir da síntese de todas as manifestações gráficas representadas de forma similar, que se registram numa área arqueológica determinada. Os elementos chaves que identificariam uma *tradição* seriam a temática e a forma como essa temática é representada, assim como certos grafismos que poderíamos chamar “heráldicos”, nos quais uma ação humana não

identificável repete-se em vários abrigos que podem estar separados por grandes distâncias.

A *subtradição* define a um grupo desvinculado da tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico diferente, o qual implica que se acrescentem elementos definidores novos. *Estilos, variedades, fâcies*, são outras das definições que se baralham e misturam entre si, dependendo das definições de cada autor, mas por enquanto e no estado atual do conhecimento, as divisões com as quais podemos trabalhar com uma certa margem de segurança, são as tradições e subtradições.

Os *estilos*, dentro de cada subtradição, seriam as subdivisões mais particulares, segundo as variações que se observam na técnica da representação gráfica, cujas inovações na representação dos temas refletiriam a criatividade de determinada comunidade (Pessis e Guidon, 1992, 19). Poderia considerar-se o estilo como a obra unitária de um grupo limitado cronologicamente ou defini-lo como a interpretação subjetiva da macrotemática das grandes tradições rupestres. Sem dúvida, a evolução nas formas de representação indica diferenças no tempo e na cultura, sem esquecer também o caráter subjetivo da mão humana.

Na região Nordeste do Brasil fixaram-se três grandes tradições definidoras de outros tantos horizontes culturais cujas variáveis mais significativas são os registros rupestres encontrados em estruturas arqueológicas definidas. As chamadas tradições **Nordeste, Agreste e Itaquiara** representam o universo simbólico de grupos humanos pré-históricos que habitaram as regiões semi-áridas conhecidas como *sertões e agrestes*, numa extensão geográfica de mais de um milhão de quilômetros quadrados.

Neste artigo trataremos da tradição Nordeste que determina seguramente uma das mais antigas representações rupestres do continente sul-americano, com cronologias que se remontam a 12000 anos PB, definida pela primeira vez na década de 70 na área arqueológica de São Raimundo Nonato, no Se do Estado de Piauí³. Pesquisas em outras regiões, (G. Martin, 1982, 1985, 1991, 1996) demonstraram que as características dessa tradição se faziam extensivas a outras áreas do nordeste brasileiro como a arte figurativa de grupos caçadores.

Além de uma centena de abrigos no Piauí, identificaram-se também abrigos com pinturas rupestres da tradição *Nordeste*, na região do Seriado, Estado do Rio Grande do Norte; na Chapada Diamantina e área de Central, Estado da Bahia; no vale do médio São Francisco, Estado de Sergipe; no sertão do Estado da Paraíba e nos municípios de Buíque e Afogados de Ingeria, no Estado de Pernambuco (figura 1). Algumas formas modificadas dessa tradição existem também em Minas Gerais, no alto vale do São Francisco e nos Estados do Ceará e Mato Grosso.

A enorme dispersão do horizonte rupestre que temos chamado *Nordeste*, demonstra a necessidade de fixar-se subtradições e outras divisões que são ainda pouco conhecidas, pôr motivo das grandes distâncias que separam os abrigos e da pouca densidade de pesquisas sistemáticas realizadas nessa imensa área do nordeste do Brasil.

Pelos dados que até o momento se conhecem, pode-se supor que o centro de dispersão da tradição *Nordeste* foi o Se do Piauí, na região serrana limitada por duas grandes depressões, formadas pelas bacias dos rios Paraíba e São Francisco. Admitimos, em princípio, três áreas de expansão: uma pelo vale do Rio São Francisco, outra em direção à Chapada Diamantina, região de serras e mesetas que limitam a depressão sanfranciscana e uma terceira localizada na região do Seridó, com abrigos situados nas serras que circundam o vale do rio Seridó e os seus afluentes, por sua vez tributários da bacia hidrográfica do Açu-Piranhas que desemboca no Atlântico.

Os registros gráficos da tradição *Nordeste* identificam-se facilmente pela variedade dos temas representados e pela riqueza de adornos e atributos que acompanham as figuras humanas, indicando, possivelmente, hierarquias sociais ou tribos diferentes. Dependendo das regiões, há equivalência entre as representações antropomorfas e zoomorfas (Se do Piauí), superioridade das figuras humanas (região do Seridó, RN), ou maior número de zoomorfos (área de Central e Chapada Diamantina, na Bahia), embora sempre se observem conjuntos harmoniosos na distribuição das figuras que podem ser reconhecidas. De pequeno tamanho -de cinco e quinze centímetros de altura- as figuras humanas parecem estar sempre em movimento, as vezes com o rosto de perfil como se gritassem. Luta, caça, dança e sexo, aparecem habilmente representados com grande riqueza de detalhes e interpretações nas quais se utilizou uma técnica de traçado fino, mas por sua vez firme e seguro. Sem dúvida, o que caracteriza este horizonte *Nordeste*, dentro da arte rupestre do Brasil, não é apenas a representação do cotidiano e sim, principalmente, os conjuntos de grafismos que parecem representar cerimônias ou mitos cujo significado não compreendemos e que, precisamente por isso, resultam tão significativos quando aparecem repetidos em vários abrigos, localizados em regiões diferentes e separados por distâncias consideráveis que podem ultrapassar os mil quilômetros. São conjuntos de figuras humanas que podem-se considerar "emblemáticas" da tradição *Nordeste*.

Como grafismos emblemáticos podemos considerar duas figuras humanas iguais, de costas entre si, -em alguns casos encontram-se também de frente- associadas a um grafismo em forma de flecha que por convenção se tem denominado "tridígito" (fig. 4). Encontramos também duas figuras humanas

que parecem proteger ou entregar uma menor (fig. 5). Essas cenas repetem-se em abrigos separados por distâncias de mais de mil quilômetros. Finalmente, de forma análoga, são grafismos emblemáticos, cenas consideradas cerimoniais, de dança em torno de uma árvore ou dançarinos mascarados que levam ramos nas mãos (fig. 6), todas elas cenas típicas da tradição *Nordeste*.

Em relação às cores utilizadas na pinturas, domina o vermelho com diversas tonalidades e aparece também o amarelo, o ocre, o branco, o negro, o cinza e o azul. Mas é o uso da policromia num mesmo grafismo, uma das características mais marcantes, quando aparecem ensaios de nuances nas penas das aves e nos cocares plumários que adornam as cabeças humanas, tais como tucanos com o corpo vermelho e as penas amarelas, emas correndo que apresentam três tonalidades de ocre nas asas abertas e veados brancos e azuis que se destacam entre os caçadores pintados em vermelho.

AS SUBTRADIÇÕES DO HORIZONTE *NORDESTE*:

1) A SUBTRADIÇÃO VARZEA GRANDE NO SE DO PIAUÍ.

A variedade regional do horizonte *Nordeste* na área arqueológica de São Raimundo Nonato (Piauí), denominada *Varzea Grande*, estende-se por uma região de aproximadamente quarenta mil quilômetros quadrados e teve longa perduração. Consequentemente, as representações rupestres sofreram mudanças graduais tanto nos temas representados como na forma plástica dos grafismos. Já foram publicados vários trabalhos descritivos e analíticos sobre as pinturas da subtradição *Varzea Grande*, na sua maioria obra de N.Guidon e de A.-M. Pessis, procurando estabelecer-se as linhas evolutivas e as variedades surgidas durante seis mil anos, de um arte rupestre ímpar, tanto desde o ponto de vista estético como antropológico.

Dentro das linhas gerais que caracterizam a tradição *Nordeste*, a subtradição *Varzea Grande* pode ser dividida em três períodos bem definidos. No primeiro e mais antigo, que pode ter começado em torno de 12000 anos BP, observam-se representações dinâmicas individuais que mostram, também, aspectos lúdicos formados por casais ou pequenos grupos de seres humanos ou animais. Num segundo período que se tem podido datar em 8000 anos BP, a temática representada aparece mais complexa, aumentam os atributos e os adornos nas figuras humanas e aparecem cenas de sexo grupal. Na última fase, o movimento das figuras é mais tênue, a figura humana mas rígida e com tendência à geometrização das formas. As cenas violentas aumentam em de-

trimento das lúdicas, com representações de lutas execuções. Aparecem claramente desenhados diversos tipos de armas, tais como machados, bordunas, propulsores e azagaias, mas não aparecem arcos e flechas. Na fase mais tardia da subtradição *Várzea Grande*, as figuras humanas aparecem extremamente geometrizadas, com o tronco transformado em um retângulo e os braços e as pernas desenhados com linhas simples (figura 7). Se utilizou também a mesma técnica para representar cevídeos, grafismos que contrastam vivamente com as formas curvilíneas e sinuosas que caracterizam as cenas das fases mais antigas. É interessante observar-se como, a pesar da rigidez dos corpos geométricos, consegue-se dar a sensação de movimeto e a cadência de uma dança apenas com o desenho das extremidades.

2) A SUBTRADIÇÃO SERIDÓ NO RIO GRANDE DO NORTE.

A área arqueológica do Seridó, situada no vale do rio Seridó e dos seus afluentes, pertence à bacia do Açu-Piranhas e dentro do contexto do semi-árido brasileiro, pode considerar-se uma região de maiores recursos hídricos e de terras mas férteis que as limítrofes, embora num processo acelerado de desertificação. As pesquisas arqueológicas que se desenvolvem nesta região, tem como epicentro as pequenas cidades de Carnaúba dos Dantas, Acari e Parelhas, nos vales dos rios Carnaúba, Acauã e Seridó. O relevo está formado por *cuestas* e serras cortadas por esses rios, onde situam-se os abrigos, entre 350 e 500 metros sobre o nível do mar. Os acessos aos abrigos, nos quais encontram-se as pinturas rupestres, são predominantemente vertentes escarpadas. Em geral, esses abrigos apresentam escasas possibilidades de habitação e, aparentemente, os grupos humanos pré-históricos escolheram aqueles situados nas partes altas das serras e orientados a vista dos cursos d'água, deduz-se que foram utilizados como lugares cerimoniais e as escavações arqueológicas demonstraram que, em alguns casos, foram também utilizados como cemitérios.

Quando iniciamos prospecções arqueológicas na região, partimus do presuposto teórico de que alguns grupos étnicos portadores da tradição *Nordeste*, originários do SE do Piauí, teriam chegado até a região do Seridó, percorrendo distâncias de mais de mil quilômetros. A riqueza temática das pinturas rupestres da subtradição Seridó, significou uma importante variável para a identificação dos grupos pré-históricos que havitaram a região. Por outro lado, a abundância de gravuras rupestres, chamadas *itaquatiaras* (pedra pintada em língua tupi), que aparecem sobre as rochas ao longo dos cursos d'água e de pinturas rupestres de outras tradições ou horizontes culturais, indicam a presença, na região, de grupos étnicos diversos.

Os achados de pontas de projétil bifaciais, finamente retocadas, de sílex, calcadônia e cristal de rocha, desconhecidas em outras regiões do Nordeste do Brasil, indicam um horizonte de caçadores com refinada tecnologia lítica, que ocuparam a região em datas ainda incertas, com ampla dispersão na bacia do Açu-Piranhas.

Os grupos de caçadores pré-históricos que pintaram os abrigos rupestres do Seridó enriqueceram a antiga tradição *Nordeste* com elementos novos próprios do seu *habitat*, tais como pirogas decoradas com motivos geométricos (figura 8), adornos, pintura corporal e elementos fitomorfos que dão a impressão de “paisagem”. O mundo que apresentam as pinturas rupestres do Seridó é o da vida cotidiana na pré-história, as vezes trágica e violenta, com figuras possuídas de grande agitação e outras que apresentam aspectos lúdicos e até alegres, documentados nos movimentos de dança e na agilidade das figuras humanas fazendo acrobacias. A dinâmica do movimento corporal e particularmente complexa e para expressá-la com maior viveza, se utilizaram recursos que poderíamos chamar expressionistas, alongando a silueta e dando ao corpo movimentos sinuosos que estilizam as figuras (figura 9). São comuns cenas de sexo, inclusive grupais e aparecem também cenas de estupro (Ason, 1996; 142, fig.5).

Pelas datas obtidas nos abrigos escavados, Mirador (Parellhas) e Pedra do Alexandre (Carnaúba dos Dantas), a subtradição Seridó teria uma cronologia inicial em torno de 9000 anos BP, hipótese que deverá ser confirmada com a continuação das escavações.

3) OUTRAS SUBTRADIÇÕES DA TRADIÇÃO *NORDESTE*.

No sertão da Bahia foi identificada outra subtradição conhecida como *Central*, com pinturas localizadas em abrigos da Chapada Diamantina nos municípios de Lençóis e Morro do Chapéu. Alguns desses abrigos já foram citados por Valentin Calderón (1971; 1983) que os filiou a uma tradição a qual chamou genericamente “realista”, descrita minuciosamente nos seus trabalhos, embora estes não estejam, infelizmente, acompanhados de informações gráficas que nos permitam conhecer maiores detalhes. Posteriormente, nos foi possível comprovar que em numa extensa área da região semi-árida bahiana, nas serras fronteiriças da depressão sanfranciscana, instalaram-se grupos pré-históricos que conheciam e representavam seu mundo espiritual com técnicas e temáticas da tradição *Nordeste*.

Na subtradição *Central*, existe um certo predomínio dos animais em

relação às figuras humanas. Maria Beltrão, descobridora de numerosos abrigos na região de Central, identificou diversos momentos do comportamento do veado galheiro nas pinturas dos abrigos rupestres da Lagoa da Velha e na toca das Corças, em Morro do Chapéu, tais como lutas entre machos, perseguição entre machos e fêmeas, rebanhos com filhotes e enfrentamentos entre veados e homens.

A forma de tratar a figura humana em relação aos animais, aumentando o tamanho destes nas cenas de caça, é comum às três subtradições: Central, Varzea Grande e Seridó. Figuras de animais de grande tamanho que estão sendo caçados por pequenas figuras humanas, aparecem registradas no sítio Baixão do Gabriel, em Central (Bahia), e em pinturas da subtradição Varzea Grande, no Piauí, no abrigo das Cabaceiras e na Toca da Chapada dos Cruz (figura 10). A magnificação do tamanho dos animais, em relação às figuras humanas, valorizando ou ritualizando a caça, aparece também nos abrigos rupestres Xique-Xique e Serrote das Areias, em Carnaúba dos Dantas, no Rio Grande do Norte.

A subtradição *Central* deve ter uma extensão muito ampla a julgar pelos abrigos localizados ao longo da depressão sanfranciscana e nas serras limítrofes, apesar de que não se tem realizado pesquisas intensivas na região, com exceção dos trabalhos de Maria Beltrão em Central. O mesmo Valentin Calderón intuiu perfeitamente a importância dos conjuntos rupestres da Bahia, especialmente os da Chapada Diamantina, e quando descreve o que chamou “figuras realistas”, vemos que está descrevendo as principais características da tradição *Nordeste*. Referindo-se às pinturas do sítio Jabuticaba, do município de Morro do Chapéu, identifica:

“uma acentuada maneira de reproduzir a forma humana e dos animais através de maior realidade e dinamismo. São figuras em movimento, às vezes violento, com abundantes detalhes que permitem identificar as ações que executam. Num primeiro grupo, enquadrámos uma bela figura de guerreiro com a cabeça ornada de penas, os braços abertos com o arco na mão esquerda e sete flechas na direita”

Cita também figuras humanas em posição e ataque de até dez cm de altura; figuras de frente e de perfil nas quais se pretendeu representr algum tipo de indumentária; aves desenhadas com notável realismo em atitude de veloz carreira; guerreiros com arcos e flechas e figuras humanas transportando ramos e objetos; bailarinos rechonchudos em atitude de saltar, adornados com

penas, bastões e ramos nas mãos. A descrição desses grafismos lembrou ao espanhol Calderón, “*a arte rupestre levantina espanhola*”.

Tudo indica que a tradição *Nordeste* extrapola os tênues limites que até o momento determinam sua extensão, baseadas em informações fragmentadas de regiões pouco exploradas arqueologicamente. Acharam-se pinturas rupestres desta tradição, nos municípios pernambucanos de Buíque e Afogados da Ingazeira (figura 11) e se tem encontrado também representações típicas da tradição *Nordeste* em Minas Gerais, em vales tributários do São Francisco e no Estado de Mato Grosso, na bacia do rio São Lourenço, onde na Toca do Parto, a representação de cenas de caça, dança, cópula e parto, apresentam sequências com a mesma expressividade e movimento das pinturas rupestres típicas da descrita tradição *Nordeste*.

¹Universidade Federal de Pernambuco, bolsista do CNPQ.

²Universidade de Valência.

³A partir dos trabalhos de Niède Guidon (1983, 1985, 1991, 1992), Anne Marie Pessis (1982, 1983, 1985a, 1985b, 1987, 1992), Silvia Maranca (1980, 1982, 1984, 1986), Laurence Ogil-Ross (1982), Susana Monzon (1983), Bernardette Arnaud (1982, 1984) e outros pré-historiadores que durante vinte e cinco anos pesquisaram na Fundação do Museu do Homem Americano, no Estado do Piauí.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASON, I. (1996). "Las representaciones hitifálicas en las pinturas rupestres de la tradición Nordeste, subtradición Seridó, Rio Grande do Norte, Brasil" *Clio. Serie Arqueologica*, n. 11. Recife, UFPE, p. 141-151.
- ARNAUD, M.B. et al. (1984). L'aire archéologique du sud-est du Piauí (Brésil). v.1. Le milieu et les sites. *Synthèse*, n.16. Paris, Editions Recherche sur les Civilizations, A.D.P.F. 118p. il.
- BELTRÃO, M. (1991). "A astronomia do homem pré-histórico brasileiro. Região arqueológica de Central. *Revista Geográfica Universal*, n.203, out. p. 88-97.
- BELTRÃO, M.; ANDRADE LIMA, T. (1986). "Projeto Central, Bahia: os zoomorfos da Serra Azul e da Serra de Santo Ignácio." *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.21. Rio de Janeiro, p. 147-156.
- BELTRÃO, M.; DANON, J.; NADER, R.; SOUZA MESQUITA, S.; BOMFIM, M.T.M.P. (1990). "Les representation pictographiques de la Serra da Pedra Calcaria: les tocas de Buzios et de Esperança." *L'Anthropologie*, v.94, n.1. Paris, p. 139-154.
- CALDERÓN, V. (1971). Investigação sobre a arte rupestre no planalto da Bahia; as pinturas da Chapada Diamantina. *Universitas, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia*, n. 6/7. Salvador, UFBA.
- _____. (1983). "Nota prévia sobre três fases da arte rupestre no Estado da Bahia. *Universitas, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia*, n.5. Salvador, UFBA, 1970, e *Estudos de Arqueologia e Etnologia*. Salvador, UFBA, p. 5-35. (Coleção Valentin Calderón, 1).
- GUIDON, N. (1982). "Da aplicabilidade das classificações preliminares na arte rupestre". *CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História*, n.5. Recife, UFPE, p. 117-128.
- _____. (1983). "L'art rupestre du Piauí dans le contexte sudaméricain. Une première proposition concernant méthodes et terminologies", 4 v. Sorbonne, Université de Paris. (These, Doctorat d'Etat.)
- _____. (1985). "A arte pré-histórica da área arqueológica de São Raimundo Nonato. Síntese dez anos de pesquisa". *CLIO - Série Arqueológica*, n.2. Recife, UFPE, p. 03-80.
- _____. (1985). "Métodos e técnicas para a análise da arte rupestre pré-histórica". *Caderno de Pesquisa*, 4. Série Antropológica III. Teresina, UFPI.
- _____. (1991). "Peintures préhistoriques du Brésil. L'art rupestre du Piauí". Paris, Ed. Recherche sur les Civilisation, p. 109. il.
- _____. (1992). "Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil". *CLIO - Série de Arqueológica*, v. 1, n. 8. Recife, UFPE, p. 35 - 68.
- MARTIN, G. (1982). "Casa Santa : um abrigo com pinturas rupestres do estilo Seridó, no Rio Grande do Norte". *CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História*, n. 5.

- Recife, UFPE, 55-78, il.
- _____. (1985). "Arte rupestre no Seridó (RN). O Sítio Mirador no Boqueirão de Parelhas". *CLIO - Série Arqueológica*, n. 2. Recife, UFPE, p.81-95, il.
- _____. (1991). "Novos dados sobre as pinturas rupestres do Seridó no Rio Grande do Norte". *CLIO - Série Arqueológica*, n. 4, extraordinário. Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, (1987, Recife). UFPE, p. 141 - 147.
- _____. (1996, a). "O cemitério pré-histórico "Pedra do Alexandre", Carnaúba dos dos Dan tas, RN". *CLIO- Série Arqueologica* n. 11, Recife, UFPE, p.43-57.
- _____. (1996, b). "Os sítios rupestres do Seridó no Rio Grande do Norte (Brasil), no contexto do povoamento da América do Sul. Anais da Conferencia Internacional sobre o povoamento das Américas. São Raimundo Nonato, PI, Brasil (1993)", *FUMDHAMENTOS, Revista da Fundação do Museu do Homem Americano*, n.1, p. 339-346, Recife.
- MARANCA, S.(1980). "Novos abrigos com pinturas rupestres no sudeste do Estado do Piauí". *Anais do XLII Congrès International des Américanistes*. (Paris, 1976). v.9-B, Paris, p.351-356.
- _____. (1980). "Pinturas rupestres da Toca da Entrada do Pajau, Estado do Piauí - análise das figuras zoomorfas". *Revista do Museu Paulista*, (Nova série). v.27. São Paulo, p.157-197.
- _____. (1982). "A pintura rupestre no sudeste do Estado do Piauí". *Revista do Museu Paulista*, (Nova série). v.28. São Paulo, 1981-1982, p.169-173.
- _____. (1984). "Níveis e categorias com vistas a uma classificação preliminar de abrigos com arte rupestre". *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, v.29. São Paulo, 1983-1984, p.201-213.
- _____. (1986). "Proposition d'un schéma pour le regroupement des sites d'art préhistorique". *Etudes Américanistes Interdisciplinaires*. Recueil, II, n.4. Paris, p.41-55.
- MARTIN, G. (1996): "Pré-história do Nordeste do Brasil" Ed. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 393 p., il.
- MONZON,S.(1983). "Analyse des traits d'identification . Etude d'un cas la Toca da Entrada do Baixão da Vaca". *Etudes Américanistes Interdisciplinaires*. Contributions méthodologiques en préhistoire, II, n. 2. Paris.
- _____. (1982). "Catalogue commenté des figures géométriques de vingt et un sites de la région de São Raimundo Nonat, sud-est do Piauí, Brésil". Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. (Tese, Doutorado terceiro ciclo).
- OGEL-ROSS, L. (1982). "Catalogue commenté des figures géométriques de vingt et un sites de la région de São Raimundo Nonat, sud-est do Piauí, Brésil". Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. (Tese, Doutorado terceiro ciclo).
- PESSIS, A. M.. (1984). "Métodos de interpretação da arte rupestre. Análises preliminares por níveis". *CLIO - Série Arqueológica*, n. 1. Recife, UFPE.
- _____. (1984). "Método de interpretação da arte rupestre pré-histórica : análise preliminar da ação" . *Revista de Arqueologia*, v. 2, n. 1, jan / jun. Belém, MPEG, p. 47- 58.

- _____. (1991). "Contexto e apresentação social dos registros visuais na antropologia pré-histórica". *CLIO - Série Arqueológica*, n. 4, extraordinário. Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste brasileiro (Recife, 1987). Recife, UFPE, p. 141 - 147 .
- _____. (1992). "Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil". *CLIO - Série de Arqueológica*, v. 1, n. 8. Recife, UFPE, p. 35 - 68.
- PESSIS, Anne-Marie.; GUIDON, Niède. (1992). Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. In: **Grafismo Indígena - Estudos de Antropologia Estética**. Studio Nobel, Ed. da USP. p. 19 - 33.